

# Um Olhar Filológico Sobre a Linguagem Médica: Origens e Desvios

A Linguistic Look at Medical Language: Origins and Deviations

“Cada palavra uma folha no lugar certo”  
Cecília Meireles

Ana Isabel Correia Martins

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

Acta Pediatr Port 2017;48:154-60

## Resumo

Este artigo visa dar um contributo histórico-linguístico ao estudo da terminologia médica de forma a despertar uma maior consciência para os seus usos, gizando uma reflexão mais minuciosa em torno de alguns termos técnicos. Daremos especial enfoque à análise de usos desviantes, numa tentativa de aferir o conseqüente grau de condicionamento na transmissão da mensagem. Se por um lado a língua é subsidiária de uma herança cultural greco-latina, por outro o seu uso ao longo da história vai promovendo variações e alterações, ora mais flagrantes ora mais imperceptíveis, num processo que é permanentemente evolutivo e dinâmico. A oralidade é, por natureza, um registo mais dinâmico e a escrita mais conservador. Nesse sentido, e no que concerne à escolha do *corpus* em análise, foi colhido e selecionado junto de profissionais da área e confirmado e comprovado em documentos escritos. Encontrada uma tipologia para os exemplos coligidos, a análise é feita tendo a origem greco-latina como marca de água. Em tom de conclusão, iremos reforçar o caráter inventivo da linguagem técnica, sublinhando que as raízes das línguas clássicas serão sempre um forte catalisador neste processo de construção de novos termos técnicos acompanhando o avanço científico.

**Palavras-chave:** Linguagem; Linguística; Terminologia como Assunto

## Abstract

This article aims to contribute to the study of medical language by increasing awareness of how it is used, aiming for a more detailed knowledge of certain technical terms. We focus on deviant uses, attempting to gauge the degree to which they affect transmission of the message. While medical language is linguistically a product of Greek and Latin culture, its practice over the centuries has led to variations in a continuous and dynamic process. The corpus under analysis was collected from written documents (nearly all produced by health professionals), which were then organized using a taxonomy. We conclude by highlighting the inventive nature of technical language and its potential for construction of new terms. The roots of the classical languages will always be a fruitful source of tools for scientific development.

**Keywords:** Language; Linguistics; Terminology as Topic

## Introdução

No seguimento do convite para participar no 17º Congresso Nacional de Pediatria, propusemo-nos lançar um olhar histórico-linguístico sobre a terminologia médica, numa tentativa de contribuir para os estudos, ainda

escassos, nesta área.<sup>1.a</sup> O linguista Ferdinand de Saussure afirma que o sistema da língua é constituído por sub-línguas ditas funcionais, que detém a terminologia como componente mais importante. Desta forma, por terminologia entendemos um conjunto coerente de denominações relativas a conceitos científicos ou técnicos das línguas de especialidade.

O nosso património linguístico é subsidiário de uma herança greco-latina, no entanto, o seu (des)uso, ao longo da história, vai promovendo variações e alterações semântico-pragmáticas destas mesmas origens linguísticas e culturais, ora mais flagrantes ora mais imperceptíveis, mas num processo permanentemente evolutivo e dinâmico. Se a filologia, enquanto ciência, fizer jus à sua raiz etimológica - “amor ao pensamento / palavra” (*Φιλολογία*) - o desafio é contínuo e inesgotável, pois refletir sobre a língua e a cultura será sempre um exercício *in fieri*,<sup>b</sup> como diriam os latinos. Além das línguas clássicas, também as línguas vernáculas, e principalmente as que exercem hoje uma forte soberania no mundo técnico-científico, operam diretamente na construção de neologismos, qual força criativa na invenção de novos usos e significados, caldeando fenómenos interessantes de desvio e de hibridação. Os gramáticos Celso Cunha e Lindley Cintra falam da noção de ‘correto’

<sup>a</sup> Não obstante, é importante referir o precioso contributo do Professor Doutor João Videira-Amaral no artigo referenciado.

<sup>b</sup> Expressão latina que significa ‘em processo’, ‘em execução’, ‘em andamento’.

e de ‘desvio’ dizendo que “de acordo com o critério histórico-literário a correção estriba-se essencialmente em conformar-se com o uso encontrado nos escritores de uma época pretérita em geral escolhida arbitrariamente. É o critério tradicional de correção fundado no exemplo dos clássicos”.<sup>c,2</sup> A propósito dos clássicos, lembremos que as primeiras origens da linguagem médica radicam na Grécia Antiga e no seu repositório Homérico, tido como primeiro manancial escrito de uma tradição oral. Palavras como *μανία* (mania), significando uma variação de humor, ou *ιατρία* (iatria) para método de cura - que deu origem a compostos de sufixação como *pedos + iatria* ou *psyché + iatria* - ou ainda *πάθος* (*pathos*) - de onde derivaram todos os compostos como patologia, cardiopatia, são alguns breves exemplos desse fenómeno hereditário e genealógico.

A mitologia greco-latina transmite, de igual modo, algumas raízes através do imaginário cultural, não fosse Morpheu o deus do sonho, de onde a morfina foi buscar os seus encantos, Hipnos (grego “*ΰπνος*”), epónimo latino de *Somno*, que representa o deus do sono e gémeo de Tánatos (*Θάνατος*), personificação da morte, palavra a partir da qual derivaram eutanásia ou tanatologia, entre outras.

Quando investigamos a linguagem médica e científica sob o olhar da linguística histórica, concluímos inquestionavelmente a prevalência do grego sobre o latim (Tabela 1), não só a nível das palavras, mas também a nível dos pequenos elementos lexicais (sufixos e prefixos) (Tabela 2), que constroem e geram novos étimos.<sup>d,2</sup> No que concerne os sufixos nominais gregos podemos enumerar alguns exemplos como *-ia*, designando estado e/ou qualidade (isquemia, glicemia, leucemia, alcoolemia, esplenomegalia, anorexia, arritmia), *-ismo* para doença e sistema (alcoolemia, botulismo), *-ite* designando inflamação (pancreatite), ou *-oma* para tumor (mioma, carcinoma, sarcoma). A acentuação de palavras formadas a partir de sufixos gregos levanta, por vezes, dúvidas quanto à sua evolução fonética para o português. Ainda que a tendência da língua portuguesa seja tornar esdrúxulas estas palavras, não podendo esquecer as variações dialetais (isto é, de pronúncia) de região para região, uma maior correção ditaria o respeito pela prosódia helénica, se mantivesse o acento não gráfico mas de intensidade na penúltima sílaba, preservando a sílaba tónica e mantendo as palavras graves (paroxítonas) – isquem(i)a; glicem(i)a; alcoolem(i)a [...].

## Método e metodologia

No que diz respeito à escolha da metodologia, o nosso *corpus* terminológico foi recolhido junto de médicos - a partir das suas dúvidas triviais e que dão, tantas vezes, azo a hesitações - e ainda a partir de vários documentos escritos como *curricula vitae* de exames finais de especialidade, livro de endocrinologia pediátrica, artigos da Acta Pediátrica Portuguesa (incluindo suplementos de livros de resumos de congressos nacionais), protocolos da Sociedade Portuguesa de Pediatria, protocolos da Sociedade Portuguesa de Neonatologia, artigos da revista Nascer e Crescer.

O nosso intuito, ao recorrer a registos escritos, passa por isolar e minimizar determinadas variáveis que condicionam e influenciam, circunstancialmente, a produção e a transmissão dos enunciados, tais como stresse, fadiga, cansaço e/ou variações dialetais / regionais e individuais. Desta forma, queremos aproximar-nos mais dos fenómenos de variação consciente e que representam potenciais mudanças em curso na língua.

O escrutínio dos exemplos levar-nos-á a indagar qual a lógica subjacente a certos usos, qual o grau de consciência individual no uso da terminologia técnica - se por imitação, variação, contágio, replicação - e ainda, qual a razão que legitima estes mesmos desvios e o aparecimento de novos usos - se por analogias erróneas ou tentativa de correção.

Uma vez recolhido o *corpus* dos exemplos e confirmado nas fontes supracitadas, envidaram-se esforços na construção de uma taxonomia, tendo-se encontrado a seguinte possível:

- a) Usos duplos consentidos e mobilizados em concomitância, sem constituírem necessariamente um desvio / ‘erro’;
- b) Usos duplos em que um dos quais se fastia da norma padrão, sendo considerado um desvio a evitar;
- c) Usos que revelam a confusão na identificação do género, pois a origem e proveniência greco-latina dita um certo e determinado género, mas a disseminação de um segundo uso, ao longo do tempo, promove a sua alteração / confusão;
- d) Usos em que ocorrem fenómenos de hipercorreção e redundância da língua;
- e) Usos erróneos em expressões triviais.

Iremos ainda abordar o carácter inventivo da linguagem técnica comprovando que o património greco-latino continuará a ser um catalisador fundamental na construção de novos termos para denominar avanços científicos.

É pertinente enumerar os dicionários consultados, atribuindo-lhes uma ordem, mesmo que arbitrária, para que seja mais célere a sua referência ao longo do artigo:

<sup>c</sup> Vide Celso Cunha e Lindley Cintra (2013:6-7).

<sup>d</sup> Sobre compostos eruditos de origem grega e latina, vide Celso Cunha e Lindley Cintra (2013:139-144).

Tabela 1. Prevalência de palavras gregas sobre as latinas

	Latim	Grego	Exemplos na linguagem médica
dor	<i>dolentia</i>	<i>αλγία (algia)</i>	analgesia
sofrimento, doença	<i>affectio</i>	<i>πάθος (páthos)</i>	patologia
morte	<i>mors</i>	<i>θάνατος (thánatos)</i>	eutanásia, tanatologia
cabeça	<i>caput</i>	<i>κέφαλή (kephalé)</i>	cefálica, hidrocefalia
corpo	<i>corpus</i>	<i>σωμα (soma)</i>	somático
nariz	<i>naricae</i>	<i>ρίνος (rhinós)</i>	rinoplastia
figado	<i>ficatum</i>	<i>ηπατιος (hépatos)</i>	hepático

Tabela 2. Prevalência de prefixos gregos sobre os latinos

Prefixo	Significado	Exemplos na linguagem médica
a / an	privação	afasia, analgésico
dia	através de	diagnóstico, diafragma, diálise, diabetes
endo	dentro	endométrio, endocárdio, endocrinologia
ec	fora	ectópico
eu	bem	euforia, eutanásia
sin	conjuntamente	síndrome
epi	sobre	epiderme, epilepsia
pro	anterioridade	prognóstico

A. Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa. Instituto de Lexicologia e Lexicografia. Lisboa: Editorial Verbo; 2001.

B. Le Grand Gaffiot, Dictionnaire Latin Français. Paris: Hachette; 2000.

C. Le Grand Bailly, Dictionnaire Grec Français. Paris: Hachette; 2000.

D. Machado JP. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte; 1977.

E. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Lisboa: Instituto António Houaiss de Lexicografia Portugal; 2003.

F. Machado JP (coordenador). Grande Dicionário da Língua Portuguesa. Algé: Euro-Formação, Valorização Pessoal e Profissional; 1989.

G. Morais da Silva A. Grande Dicionário da Língua Portuguesa. 10ª ed. Revista, corrigida, muito aumentada e atualizada, segundo as regras do acordo ortográfico Luso-Brasileiro de 10 de agosto de 1945, por Moreno A, Cardoso Júnior JF, Machado JP. Lisboa: Editorial Confluência.

## Resultados

### Usos duplos consentidos e mobilizados em concomitância

#### Nictúria ou noctúria

Estas duas palavras, mobilizadas, indistintamente, revelam diferentes origens etimológicas. Nictúria provém

do substantivo grego *nyktós* (noite) + (grego) *oûron* (urina) e noctúria do substantivo latino *nox*, *noctis* (noite) + (grego) *oûron* (urina). Salvedades de facto de ambas as palavras se encontrarem amplamente dicionarizadas,<sup>e</sup> pelo que não constitui qualquer erro a escolha de uma em detrimento de outra. No entanto, se quisermos ser puristas, as hibridações de compostos gregos com latinos devem ser evitadas<sup>f,2</sup> e nesse caso dir-se-ia preferencialmente nictúria.

#### Endovenoso e intravenoso

Tal como no caso anterior, ambas estão dicionarizadas<sup>g,2</sup> e são utilizadas de forma arbitrária, por vezes até encontramos no mesmo documento o uso das duas variantes. Considere-se, primeiramente, o facto de ser desejável a uniformização e a escolha de uma única forma para evitar ambiguidades e por uma questão de coerência. Em seguida e recorrendo ao mesmo argumento gramatical, dir-se-ia preferencialmente intravenoso, elegendo a composição da preposição latina *intra* e do também substantivo latino *vena* (latim, veia) em vez da composição da preposição grega *éndo-* + *vena* (latim, veia).

#### Banco ou Urgência

Há casos em que a variação pode estar associada a

<sup>e</sup> F.: Nictúria (p.605) e noctúria (p.626); G.: Nictúria (p.278) e noctúria (p.300).

<sup>f</sup> «São palavras híbridas ou hibridismos aquelas que se formam de elementos tirados de línguas diferentes. As formações híbridas são em geral condenadas pelos gramáticos, mas existem algumas tão enraizadas no idioma que seria pueril pretender eliminá-las como é o caso de monocultura...» in Celso Cunha e Lindley Cintra (2013:146).

<sup>g</sup> Vide E.: intravenoso p.2125 e endovenoso p.1480; A.: intravenoso (p.2149) e endovenoso (p.1407).

fatores dialetais / regionais, tais como banco e urgência. Ainda que banco seja mais informal e coloquial é possível mapear os seus usos.

Depois de distribuímos um inquérito a 100 médicos internos e a especialistas das diversas regiões do país, concluímos que do Sul e interior até à Guarda utiliza-se maioritariamente banco, no Norte litoral e interior (Viseu e Bragança) faz-se um uso expressivo de urgência. Previsivelmente, a área que abrange Aveiro, Leiria, Coimbra, Santarém e Lisboa espelha uma convivência simétrica de ambas, resultado talvez da confluência e passagem de muitos profissionais por estas áreas ao longo do internato de formação e por força da escolha futura no exercício das suas atividades profissionais (Fig. 1).



Figura 1. Distribuição do uso dos termos banco e urgência nas regiões do país.

### Usos duplos em que um constitui um desvio / 'erro'

A língua é económica e, sendo uma construção socio-cultural, é também convencional. Nesse sentido, a sinonímia perfeita ou absoluta é praticamente inexistente pois dificilmente duas palavras preenchem exatamente os mesmos traços léxico-semânticos, pragmáticos e têm a mesma proveniência etimológica de forma a poderem ser usadas indistintamente no mesmo contexto, sem implicarem uma variação (mínima que seja) de sentido.<sup>h</sup> Na verdade, raramente existe comutatividade perfeita entre termos pois a sinonímia é uma relação de equivalência semântica entre duas ou mais unidades com formas diferentes, em suma são denominações diferentes para exprimir um conceito comum.<sup>i,3</sup>

<sup>h</sup> Podemos pensar em alguns exemplos quotidianos da língua portuguesa tais como 'caminhar / andar / percorrer' ou 'morrer / falecer / perecer', que são tidos como sinónimos, partilhando o mesmo significado, mas enquanto falantes mobilizamo-los em contextos distintos e com intuídos diferenciados. Quanto maior a proficiência linguística do indivíduo mais abrangente é o seu manancial / repositório de palavras e sua adequação ao contexto.

<sup>i</sup> Josette Rey-Deboue (1998:94) fazendo uma análise da sinonímia na língua refere que as unidades lexicais não são comutáveis em função da sua significação, sublinhando que «Il peut y avoir des synonymes dans une théorie de la désignation qui établit des relations entre le mon-

### Adesão ou aderência

Aderência provém do latim *adhaerentia* significando característica, qualidade ou atributo de algo que adere e une superfícies e objetos; refere-se, portanto, ao ato de aderir e de junção de uma coisa a outra. Adesão tem a sua origem na palavra latina *adhaesione* significando a ação, ato ou processo de aderir, ligação, acordo, consentimento, apoio, aprovação, anuência (pressupondo agentes), aquiescência ou acordo feito por outrem, concordância, assentimento, amizade.<sup>j</sup>

Ainda que os dicionários nos possam dar estes termos como equivalentes, porque há vários traços que os aproximam, incontestavelmente, nos seus sentidos primitivos o primeiro é mais ajustado a coisas e factos, e o segundo implica agentes. Assim, é desejável que se diga “adesão à terapêutica ou adesão ao tratamento” pressupondo sempre o doente como agente da ação e “aderência do penso” como qualidade ou atributo do objeto.

### Grave ou severo

O adjetivo grave é proveniente do adjetivo biforme latino *gravis*, *grave*, qualificando o que tem um peso apreciável, que tende para o centro da terra, sujeito à lei da gravidade, uma carga pesada e referindo-se, preferencialmente, a uma situação, evento, assunto. O segundo adjetivo, tem origem no adjetivo triforme latino *severus*, *severa*, *severum* e significa rígido, rigoroso, pouco ou nada inclinado à indulgência para com os outros, que impõe condições com rigor a sua vontade, inflexível nas decisões e na disciplina, sério, circunspeto, áspero, insensível, implacável.<sup>k</sup>

Desta forma, ‘severo’ tem mais traços humanos e agentivos e ‘grave’ é aplicável a entidades inanimadas. Em suma, devemos dizer “a doença e a situação são graves” e o “comportamento do médico foi severo”.

### Femural ou femoral

A língua é dinâmica e as mudanças históricas vão-se consolidando pela difusão de novos usos até ao momento em que se dicionarizam e regularizam. No entanto, há determinadas alterações que dificilmente são consentidas por representarem um desrespeito pela raiz etimológica das palavras. A palavra tem vários componentes lexicais, um dos quais, tradicionalmente designamos por raiz ou radical, é aquele que irmana as palavras da mesma família, transmitindo uma base comum de significação. O substantivo fémur tem origem no caso nominativo latino (femur), já o adjetivo femoral radica

de et les signes mais pas dans une théorie de la signification parce que tout signifié est double possédant une partie désignative qu'il peut avoir en commun avec d'autres mots, et une partie connotative propre qui ne se retrouve dans aucun autre mot».

<sup>j</sup> A.: Aderência (p.80); E.: aderência (p.106) e adesão (p.107); G.: adesão (p.351) e aderência (p.350).

<sup>k</sup> E.: Grave (p.1920-1921) e severo (p.3317); A.: grave p.1934 e severo p.3405-3406.

no caso genitivo, *femoris*. Quando se pretende formar o adjectivo retira-se a desinência (terminação) do caso genitivo (-is) para encontrarmos a parte invariável da palavra, o dito radical. A este dito radical acrescenta-se o sufixo latino – alis que vai converter a palavra em adjectivo *femoralis* (latim).

Por esta razão escrevemos que o “fémur está fraturado”, quando é o sujeito da oração, mas sempre que utilizamos o adjectivo diremos “dor femoral” ou “fluxo venoso femoral”.<sup>1</sup>

### Torácico ou toráxico

Tórax tem sua origem na palavra grega *θώραξ* (*thóraks*), onde o *ks* evoluiu para o grafema *x* com a respetiva pronúncia /cs/. Já a palavra ‘torácico’ tem sua origem no adjectivo grego *θωρακικός* (*thorakikós*) a partir do genitivo da palavra, onde o ‘k’ no alfabeto grego corresponde ao ‘c’ em português. Assim, sempre que usarmos o adjectivo escrevemos ‘dor torácica’, será a única forma consentida.<sup>m,2</sup>

### Bolsar ou bolçar

Bolsar é fazer bolsos ou foles, enfunar e bolçar significa regurgitar, lançar para fora. No entanto, a confusão entre as duas palavras é recorrente, mas vejamos a possível justificação.

A palavra bolçar tem a sua origem mais primitiva no verbo latino *vomo*, -is, -ere que gerou o verbo frequentativo<sup>n</sup> *vomitare*\* e que, devido a processos de evolução fonética foi conhecendo outras formas *bolitare*\* posteriormente *bolsare*\*. No século XIV damos conta das formas bonçar\* > boomsar\* > bössar\* e em 1836 temos um primeiro registo, ainda que espasmódico, de ‘bolçar’.

Todo o processo de reconstituição destas mudanças fonéticas representa um longo e imperceptível percurso histórico e há momentos em que se digladiam duas formas até que uma se fortalece e se impõe para a posteridade. Contudo, nem sempre é fácil reconhecer a altura em que se perdem todos os resquícios do uso anterior,

<sup>1</sup> Declinação e caso são noções existentes nas línguas clássicas – latim e grego – e em algumas línguas vernáculas como o alemão, finlandês, sueco, russo, representando uma estrutura linguística *sui generis*. Independentemente do número de declinações existentes em cada uma destas línguas, a ideia de caso pressupõe uma flexão consoante a categoria gramatical das palavras e sua respetiva função sintática. O caso nominativo integra as palavras que desempenhem a função sintática de sujeito na frase; o vocativo integra uma interpelação ou chamamento; o acusativo abrange as palavras que desempenhem a função de complemento direto; o genitivo para as palavras que se assumam complementos determinativos e de origem. A partir deste caso em particular vamos buscar a raiz etimológica da palavra para descobrirmos o nosso radical, isolando a desinência própria do caso. Continuando, o caso dativo corresponde às palavras que desempenham a função sintática de complemento indireto e o caso ablativo sempre que temos palavras a designarem complementos circunstanciais seja de lugar, tempo, espaço, meio, modo [...].

<sup>m</sup> Relativamente ao plural esta palavra suscita dúvidas, à semelhança de outras tais como: fénix, triplex, córtex, climax. Segundo a Nova Gramática do Português Contemporâneo de Celso Cunha e Lindley Cintra (Lisboa, Edições Sá da Costa, 1998, p.180), as palavras paroxítonas ou graves, cujo acento recai na penúltima sílaba, e que sejam terminadas com ‘x’, são invariáveis em número. Contudo, na oralidade constata-se uma tendência para desconstrução da consoante dupla ‘x’ /cs/ dando-lhe uma marca fonética de plural. Nesse sentido, seria interessante analisar um *corpus* oral para nos darmos conta das variações desta palavra mas extrapola o foco deste nosso presente trabalho.

<sup>n</sup> Um verbo frequentativo é o que intensifica a ação: saltitar é frequentativo de saltar.

nem tão pouco nos apercebemos do processo de mudança em curso quando ele se está a operar, o que poderá legitimar o uso indiscriminado de duas formas num determinado momento. Podemos ainda conjecturar que a homofonia de bolsar e bolçar gere confusão ou até notar uma eventual falsa analogia metafórica com um regurgito mais pequeno em fole ou pequeno bolso. Em todo o caso, a língua hoje é clara e nos dicionários a sua distinção está demarcada, dir-se-á bolçar.

### Ambiguidades na identificação do género de terminados termos técnicos

#### Um *facies* ou uma *facies*

A língua na sua evolução histórica contempla mudanças fonéticas, lexicais, semânticas, pragmáticas e até de política de língua. No entanto a de género, proveniente das línguas clássicas, não é um fenómeno frequente, excetuando palavras provenientes de género neutro, que nas línguas vernáculas sem esse género, como é o caso do português, são incorporados, maioritariamente, no género masculino.<sup>o</sup> Assim, *facies* provém do substantivo feminino latino *facies*, *faciei*, pertencente à mesma declinação de *species*, *speciei*, (substantivo feminino: a espécie) e significa face, fisionomia, figura, aparência, aspeto. Dir-se-á uma *fácies* respeitando a sua genealogia.<sup>p</sup>

#### Um *síndrome* ou uma *síndrome*

O substantivo que significa concurso ou conjunto de sintomas - síndrome ou síndrome (ambas corretas e dicionarizadas no género feminino) - provém do grego *Σύνδρομη, ης*. O argumento para o exemplo anterior é aqui aplicável, pelo que será a síndrome ou a síndrome.

### Fenómenos de hipercorreção e redundância da língua

#### O estudo da patologia versus o estudo da doença

Dissemos anteriormente que a língua é económica, nesse sentido como podemos agora afirmar que possa ser redundante? A resposta radica na questão da sinonímia (im)perfeita.

A palavra patologia tem na sua estrutura interna dois constituintes que detêm autonomia significativa e que podem ser identificáveis na composição de outras pala-

<sup>o</sup> Temos alguns resquícios do género neutro em português como por exemplo o pronome demonstrativo: esse, essa, isso; este, esta, isto.

<sup>p</sup> Vide E. p.1779. No entanto, apesar da generalidade e maioria dos dicionários assumirem o género da palavra proveniente do latim (feminino), encontramos no dicionário A. (Academia das Ciências: p.1675) a informação da possibilidade de ambos os géneros (masculino e feminino), talvez dando já conta de um uso disseminado e indistinto do masculino. Surpreendentemente, encontramos no Dicionário Geral e Analógico Dr. Artur Bivar (Edições Ouro, Porto 1948-1958) a informação de género masculino, somente (p.1445). Isto poderá levar a pensar que estamos, efetivamente, perante uma mudança sincrónica, esperando que tempo revele e uniformize a tendência predominante. Acreditamos, porém, que esta palavra dificilmente se assumirá nas edições futuras de dicionários apenas no masculino.

vras, *pathos* (doença, dor, sofrimento) + *logos* (conhecimento, estudo, explicação). Nesse sentido, quando assumimos ‘patologia’ como sinónimo de doença porque efetivamente comungam de traços significativos, mas referimos explicitamente ‘o estudo da’ estamos a reforçar um significado já inerente na palavra, tornando-se pleonástico e redundante.

### Usos erróneos em expressões triviais

#### Ao exame objetivo ou no exame objetivo

No caso de ‘ao exame’ temos a preposição simples ‘a’ + o artigo definido masculino ‘o’ expressando a função sintática de complemento indireto, respondendo à questão ‘a quem’ (caso dativo em latim e grego).

Em ‘no exame’, a preposição simples ‘em’ + artigo definido masculino ‘o’ expressa a função sintática de complemento circunstancial de lugar respondendo à questão ‘onde’ (caso ablativo em latim e grego)

Exemplo: Oferecemos o melhor serviço público de saúde.

Exemplo: “No exame objetivo, identifiquei um bom estado geral” e não “Ao exame objetivo, identifiquei um bom estado geral”.

### Conclusões

“*Homo sum: nihil humani a me alienum puto*” Terêncio (l.a.C)

Sou Homem, logo reconheço que nada do que é humano me pode ser alheio

De modo muito sucinto, foram aqui apresentados apenas alguns exemplos de usos menos rigorosos da terminologia médica, uma lista que poderia ser alargada tanto quanto desejássemos e se o espaço consentisse. Estas variações são resultado de vários fatores, sendo

o principal de todos eles a influência e permeabilidade de línguas vernáculas (inglês, francês, espanhol), veja-se o caso de *adherence* ou *severe* do inglês. Ainda que não seja expectável um domínio absoluto de todas estas questões de foro linguístico e filológico por parte de um médico, e apesar dos desvios não comprometerem a transmissão da mensagem, pois a comunicação continua a fazer-se de forma eficaz, estamos perante uma questão de rigor e proficiência linguísticas. A língua é um património imaterial da nossa cultura e quanto menos consciência temos da sua história e da sua densidade mais permeáveis vamos sendo às influências exógenas de outras línguas e replicando desvios que vamos ouvindo.

No 17º Congresso Nacional de Pediatria, fizemos um exercício com o público através de uma votação anónima e individual para cada um dos exemplos enumerados. Constatou-se, curiosamente, uma escolha expressiva e maioritária para os usos ‘desviantes’. Daqui se conclui que o grau de consciência individual no uso da terminologia é baixo e dá-se por imitação, contágio e replicação, e por isso, sem grande resistência à variação e à mudança que se opera.

Se olharmos cuidadosamente para a Tabela 3, damos conta da elevada percentagem dos termos médicos de origem greco-latina e por isso deve ser reconhecido o carácter inventivo da linguagem técnica a partir deste legado clássico. Não seria de somenos interesse que os alunos de medicina, nos primeiros anos de formação no curso, fossem sensibilizados para estas questões. As ciências e as artes são como as nações, têm as suas próprias línguas e linguagens, que espelham os saltos civilizacionais que exigem e ditam a necessidade de criação de novas palavras para manifestar as suas descobertas.<sup>9,4</sup> Se o século XXI mantiver a mesma coerência, que constatamos na tabela assinalada, a antiguidade clássica continuará a ser a nossa matriz identitária e cultural, a força motriz na designação dos avanços científicos.<sup>†</sup>

Tabela 3. Origem de novos termos e percentagem dos termos médicos de origem greco-latina

	Novos termos (nº)	Latim (nº)	Grego (nº)	Híbridos greco-latinos (nº)	Origens diversas a partir de línguas vernáculas (nº)	Grego-latinos (%)
Século XVI	43	27	9	--	7	83,72
Século XVII	116	43	56	1	16	86,20
Século XVIII	226	47	137	6	36	84,07
Século XIX	2530	115	1894	173	348	86,24
Século XX	1755	49	1144	308	254	85,52
Total	5138	282	3637	511	708	86,22

nº- número.

<sup>9</sup> Vide Campbell (1888, chapter I: 17).

<sup>†</sup> Sistemattização feita a partir do Dizionario Etimologico Storico dei Termini Medici de Enrico Marcoverchio (1993); Dictionario médico-biológico, histórico y etimológico Dicciomed (Cortés Gabaudan, 2011)

### Conflitos de Interesse

Os autores declaram a inexistência de conflitos de interesse na realização do presente trabalho.

### Fontes de Financiamento

Não existiram fontes externas de financiamento para a realização deste artigo.

### Proteção de Pessoas e Animais

Os autores declaram que os procedimentos seguidos estavam de acordo com os regulamentos estabelecidos pelos responsáveis da Comissão de Investigação Clínica e Ética e de acordo com a Declaração de Helsínquia da Associação Médica Mundial.

### Confidencialidade dos Dados

Os autores declaram ter seguido os protocolos do seu centro de trabalho acerca da publicação dos dados de doentes.

### Apresentações e Prémios

Uma palavra de agradecimento sincero ao Dr. Luís Januário pelo desafio de participar no 17º Congresso Internacional de Pediatria, foi para mim uma aprendizagem incomensurável.

Uma palavra de reconhecimento e admiração ao Prof. Doutor João Videira-Amaral pela inspiração, apanágio de todos os verdadeiros mestres.

Uma palavra de agradecimento ao Prof. Doutor Paulo Oom pelo convite para redigir este artigo.

À minha irmã, Dr.ª Luísa Martins, *ab imo corde*, pelo tanto que fica sempre além das palavras.

### Correspondência

Ana Isabel Correia Martins  
anitaamicitia@hotmail.com  
Urbanização Horta das Figuras, Lote 54, 8005-328 Faro, Portugal

**Recebido:** 10/02/2017

**Aceite:** 20/02/2017

---

### Referências

1. Videira Amaral J. A pureza e os vícios da linguagem biomédica. *Acta Pediatr* 1997;28:469-72.
2. Cunha C, Cintra L. Nova gramática do português contemporâneo. 20ª ed. Lisboa: Sá da Costa; 2013.
3. Rey-Deboue J. La linguistique du signe: Une approche sémio-

tique du langage. Paris: Armand Colin; 1998.

4. Campbell FR. The language of medicine – A manual giving the origin, etymology, pronunciation and meaning of the technical terms found in medical literature. New York: Appleton and Company; 1888.